

## DE TEORIA E PRÁTICA: *TEORIA* (*LITERÁRIA*) *AMERICANA*

Nilze Maria de Azevedo REGUERA \*

DURÃO, F. A. **Teoria (literária) americana**: uma introdução crítica. Campinas: Autores Associados, 2011.

*Teoria (literária) americana*, de Fabio Akcelrud Durão, é, no contexto brasileiro, um dos raros textos em que se articulam, de modo coeso e crítico, teoria e prática. Isso pode ser notado já no próprio título, no qual o uso dos parênteses suscita, em sua função ambígua de destaque ou de ocultação, por onde se transitará: a teoria, “[...] um campo de pesquisa e ensino que vem suplantando os estudos literários propriamente ditos.” (DURÃO, 2011, p.1). Ao focalizar o contexto anglófono – digase: americano –, de surgimento e de consolidação da teoria, bem como a implantação dessa no Brasil, dada, comumente, de maneira apressada ou não sistematizada, Durão situa o seu campo de atuação crítica, jogando com as, e a partir das, premissas e nuances de seu objeto de estudo. É, pois, dessa perspectiva que vai iluminando, desde o título, a relação com a exterioridade, um dos pontos centrais de seu debate, e que interessantemente oferece ao leitor dito “apressado”, já na introdução do livro, algumas de suas conclusões – como a de que a “Teoria [...] se mostra ao mesmo tempo como imprescindível e insustentável.” (DURÃO, 2011, p.3).

Ao reiterar, no próprio movimento paradoxal da Teoria, o contrapelo à aceitação acrítica do que é dado de antemão, o autor ilumina a atual condição do debate crítico nos Estados Unidos e no Brasil, ressaltando as particularidades de cada um: as encruzilhadas e os impasses oriundos de uma proliferação ininterrupta de aparatos teóricos, sedimentada já há algumas décadas no contexto americano, e, no brasileiro, o abarcamento desses, sem o questionamento, o distanciamento ou a aclimação necessários. No mapeamento desses terrenos, dedica os cinco primeiros capítulos a um processo de “desfamiliarização”, caracterizador de seu discurso crítico, evidenciando os aspectos positivos e os negativos da ascensão e do desenvolvimento da teoria nas universidades americanas, e a consolidação dessa como um campo exacerbadamente autorreferente e disseminador, com seu “construtivismo radical e [a] sua capacidade ilimitada de extensão” (DURÃO, 2011,

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000. – nilzereg@gmail.com

p.16). Para isso, vale-se inicialmente do conceito de “texto”, problematizando o alargamento desse: se, para o desejo e a prática implacáveis da teoria, tudo se torna texto, como lidar, nessa infinda potencialização, com a exterioridade? À medida que a teoria fomenta a abordagem dos mais variados objetos, e, assim, a autonomização desses, ela mesma contribui para que se desenvolvam, numa lógica própria, tanto a superinterpretação ou o apagamento quanto o imperativo da máxima atualização do crítico. Numa homologia, “no âmbito das ideias, [com] a divisão internacional do trabalho” (DURÃO, 2011, p.4) – a qual, ao longo do livro, explicita e reafirma a sua posição crítica –, Durão questiona a produção dinamizada, em larga escala, de arcabouços teóricos – o que propicia a aproximação do ambiente acadêmico ao corporativo, fazendo que o “[...] teórico [tenha] de estar preparado para adaptar-se rapidamente às novas funções ditadas pelo mercado, participando em áreas e debates que muito pouco têm a ver com aquilo que escreveu há apenas alguns anos.” (DURÃO, 2011, p.31).

Adensando essa visão, no segundo e no terceiro capítulos, ao abordar as polêmicas em torno da teoria e os debates não menos acalorados que ela fomentou, toca numa questão essencial para os argumentos que deslindará acerca do contexto brasileiro nos demais capítulos, já suscitada desde a introdução: a relação com a exterioridade. É dessa perspectiva que, ao analisar obras representativas do discurso crítico, como, em especial, o volume *Theory's empire: an anthology of dissent*, notam-se os “giros em falso” na academia, oriundos da dificuldade imposta pelo próprio aparato teórico de se **demorar** no e com o objeto e de se reivindicar uma relação com a cultura, pois essa, vista na incessante textualização como “uma ideia sem alteridade” (DURÃO, 2011, p.72), já não remeteria a um exterior. Esse paradoxo – o de uma exterioridade que não se sustenta ou apresenta como tal –, ao mesmo tempo que acarretaria uma “des-objetificação” (DURÃO, 2011, p.83), uma diluição do objeto em favor da teoria, traria os elementos para que na junção de conteúdo e forma se apontassem os caminhos para a reconstituição de uma relação performativa (dizer-fazer) da e com a totalidade. Se, como visto no quarto capítulo, Gayatri Spivak, em *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*, seria representativa dessa primeira tendência – com o seu “eu inflado, [sua] escrita confusa, grandiosa e coloquial”, que promoveriam “a evasão do tópico pela negação das lentes determinadas da leitura” (DURÃO, 2011, p.83) –, Daniel Heller-Roazen, em *Ecolalias*, relacionar-se-ia à segunda por “[...] **produzir** aquilo que descreve, [...] inverte[ndo] a relação entre teoria e literatura: a primeira é vista em sua materialidade; a última como fonte de conceitos.” (DURÃO, 2011, p.83, grifo do autor). Tem-se, assim, a indagação central de *Teoria (literária) americana*: se, na atual conjuntura, quando “[...] nunca antes houve tanta significação disponível, tanto potencial para a criação de sentido.” (DURÃO, 2011,

p.103), não há como negar o poderio e a abrangência da teoria, como, então, lidar com ela, com as suas premissas, com os seus paradoxos?

Esse é o foco dos dois últimos capítulos: de fato, a teoria pode promover a diluição do objeto; mas também pode suscitar aspectos ainda não contemplados e se valer de uma performatividade que pode **fazer ver** o que discorre. “O desafio então é praticar um senso de autorreflexividade maior, para pensar ao mesmo tempo **a partir** das teorias e conceitos, mas também **por meio de** e **contra** eles.” (DURÃO, 2011, p.94, grifo do autor). Dessa maneira, o pós-moderno, destinado, em muitas abordagens, ao paradigma do repetitivo, do acriticismo, de uma “multiplicidade mal multiplicada” (DURÃO, 2011, p.99), poderia ser visto, ou melhor, tocado em sua condição de falta, em suas fissuras, naquilo que em sua materialidade específica deixa escapar. Tem-se, portanto, resistência. Resistência à facilitação da obra promovida pela utilização descontextualizada ou apressada da teoria; resistência ao ritmo produtivo imposto pelo imperativo da atualização, que, no limite, transforma universidades em empresas; resistência à própria materialidade de obra e discurso crítico: é o desafio, não menos problemático, que a (auto)crítica de Fabio Akcelrud Durão lança ao seu leitor.

Recebido em: 11/01/2012

Aceito em: 18/12/2012